

Laura Lee Guhrke

TODOS OS TEUS BEIJOS

Tradução
Carmo Vasconcelos Romão

*Quinta Essência**

Londres
Março de 1832

A pluma de avestruz fazia-lhe cócegas no nariz, mas Grace Cheval não podia evitá-lo. Fez deslizar o arco pelas cordas do seu violino, tentando concentrar-se no *allegro* do *L'Autunno* de Vivaldi e não na enorme pena que se lhe soltara do chapéu e caíra para a frente tocando-lhe na face. Rezava para não espirrar.

A pena não era o seu único problema. Os salões de baile eram sempre muito quentes principalmente naqueles eventos de caridade sempre tão concorridos. Pior, o baile exigia traje de máscara e o fato que lhe tinham arranjado para vestir não ajudava. O pesado gibão de veludo de ladrão de estradas tornava extremamente cansativo tocar violino durante uma noite inteira. A combinação do gibão, chapéu de pluma e máscara de cabedal faziam-na sentir como se estivesse num forno. Enquanto tocava, Grace abanou a cabeça várias vezes, tentando afastar a pluma do rosto, sem perder uma nota da música, mas era em vão. A pena insistia em cair de novo e em fazer-lhe cócegas no nariz.

Para seu grande alívio, a peça de Vivaldi chegou ao fim. Enquanto os pares que dançavam a quadrilha saíam do recinto, pousou o violino e o arco no colo, depois ergueu as mãos para arrancar a pluma de avestruz do chapéu. Quando o conseguiu, deitou-a para o lado e voltou a página para a valsa de Weber que seria a última dança da noite. Ergueu de novo o violino enquanto um dos outros músicos se inclinava para ela.

– Só arrancaste metade – disse-lhe em voz baixa. – A outra metade está a sair-te do chapéu.

– Bolas! – exclamou enquanto metia o violino debaixo do queixo. – És um mentiroso, Teddy.

– Não estou a mentir – respondeu o jovem, assentando com maior firmeza a coroa de César sobre o cabelo castanho, antes de erguer o arco e chegar ao violoncelo que tinha entre os joelhos. – Assim espetada parece a chaminé de uma casa, só que fofa.

Grace ergueu o arco.

– Sei sempre quando estás a mentir. Ficas com as orelhas vermelhas.

Ele soltou uma gargalhadinha e começaram a tocar. Grace tocara em tantos bailes nos últimos três anos que conhecia de cor a maior parte das valsas publicadas, o que lhe permitia olhar para os dançarinos enquanto tocava

A rainha Isabel dançava com o seu par Henrique II. Helena de Troia dançava a seguir com um homem com um traje negro e uma capa comprida forrada de tecido dourado. Fê-la pensar imediatamente em Mefistófeles, o demónio de Fausto. Os dois formavam um par extraordinário, pois a túnica branca da mulher fazia um contraste evidente com o fato negro e a cor do homem. Quando o par rodopiou junto a ela, reparou que ele usava o cabelo comprido preso atrás, coisa estranha e havia muitos anos fora de moda, contudo, pouco compatível com o fato. Como não usava máscara quando lhe avistou o rosto, Grace sentiu a mão estremecer-lhe de surpresa. O violino emitiu uma nota

estridente. Recompôs-se e o par saiu da sua linha de visão, mas Grace sabia que não se tinha enganado ao reconhecê-lo.

Dylan More.

Nunca esqueceria a noite em que tinha conhecido o famoso compositor e duvidava que qualquer outra mulher o esquecesse. Um homem atraente, alto, de olhos imensamente negros. Olhá-los fora como olhar para o abismo, em cujas profundezas era impossível penetrar a luz. Um homem de maxilar resoluto, o que significava que geralmente conseguia o que queria, e uma boca cínica que revelava enfadar-se rapidamente. Um homem com um génio incomensurável, riqueza e posição, um homem que parecia ter tudo o que a vida tinha para oferecer, um homem que encostara o cano da pistola ao queixo.

Ainda se lembrava do aperto do estômago que sentira quando o vira por trás do pesado pano de veludo do Palladium, naquela noite, cinco anos antes. Também nessa ocasião tocava violino, na esperança que as notas da música do próprio Moore não fossem abafadas por um tiro de pistola.

No dia seguinte, Etienne levava-a de volta para Paris e nunca mais vira Moore, mas ouvira falar dele durante os cinco anos que se seguiram àquele estranho encontro. Todos de Paris a Viena se mostravam desejosos de discutir as últimas notícias sobre o mais famoso compositor inglês. E houvera muitas.

O seu agitado caso amoroso com a atriz Abigail Williams fazia parte da lenda, um caso que tivera o seu início quando ele saltara do camarote no Covent Garden para a levar do palco no meio de uma peça e terminara quando ela o encontrara na cama com uma bela prostituta chinesa que supostamente ganhara às cartas. Vivera abertamente com meia dúzia de mulheres durante os últimos cinco anos, incluindo com uma bailarina russa e a filha ilegítima de um rajá indiano.

Para além das notícias, havia a maledicência acerca de Moore. Dizia-se que a queda de um cavalo lhe afetara o cérebro e que enlouquecia lentamente. Dizia-se que bebia e jogava

excessivamente, que usava opiáceos e fumava haxixe. Dizia-se que passava dias sem dormir, travava inúmeros duelos, mas apenas com espada, e cavalgava a alta velocidade quer fosse na pista do Hyde Park ou a saltar sebes no campo. Dizia-se que não havia desafio que não aceitasse ou deixasse passar, não havendo regra que não quebrasse.

Moore e o seu par passaram de novo diante dela, apenas a uns passos de distância, e Grace susteve a respiração surpreendida com a mudança que aqueles cinco anos tinham operado nele. Tinha ainda a constituição que ela recordava, os ombros largos e as ancas estreitas, o corpo de um homem hábil no desporto, mas a sua expressão alterara-se. O seu rosto era ainda belo, mas nele viam-se as inegáveis rugas de dissipação e descuido, rugas permanentes na testa, no canto dos olhos, nas comissuras dos lábios, rugas que não deveriam existir no rosto de um homem com apenas trinta e dois anos. Apercebeu-se com alguma raiva de que afinal a maledicência era verdadeira. Sempre fora um homem arrojado, mas agora parecia exatamente transformado no despudorado libertino de que falavam as más-línguas.

Grace não sabia o que o levava a contemplar o suicídio cinco anos antes, mas recordava-se da sua própria convicção de que ele não faria nova tentativa e parecia ter acertado. Em vez de se decidir a morrer, preferira evidentemente o extremo oposto, vivendo a toda a pressa, como se tentasse aproveitar todas as sensações de todos os momentos.

Apesar da declaração que lhe fizera de não voltar a escrever música, parece que afinal escrevera. A sua ópera *Valmont*, publicada havia quatro anos, continuava em cena nos teatros de Inglaterra e do resto da Europa. A sua *Décima Nona Sinfonia* do ano anterior, embora não tão aclamada como o seu trabalho anterior, fora um sucesso estrondoso. Mas não produzia música com a energia fervorosa dos anos anteriores e durante o último ano apenas publicara uma sonata.

«Talvez demasiado ocupado», pensou ela, reparando como Dylan estreitava Helena de Troia enquanto dançavam a valsa, em como se inclinava para lhe segredar ao ouvido. Um comportamento escandaloso, principalmente num baile público, mas muito de acordo com a sua reputação.

Nesse momento, Dylan olhou na sua direção e ela baixou os olhos para a pauta, grata por o chapéu lhe ocultar o rosto. Quando ergueu de novo os olhos, ele e o par já tinham sido de novo absorvidos pela multidão de dançarinos, o que lhe agradou. Sabia que não era da sua conta, mas não podia evitar uma certa sensação de frustração por ter salvado a vida de um homem que a desperdiçava agora em devassidão e excessos.

A valsa terminou, os pares abandonaram a pista e os músicos começaram a guardar os instrumentos. Enquanto Grace arrumava o seu violino e o arco dentro do estojo forrado de vermelho, afastou Moore do seu pensamento. A sua vida, ou aquela que desperdiçava, era problema dele.

Colocou a pauta sobre o violino, fechou a tampa e afivelou as correias de couro. Agarrou no estojo pela pega e usou a mão livre para agarrar na estante.

– Vou ter contigo e com os outros atrás das cavalariças – disse a Teddy. – Esta sala está muito abafada. Preciso de apanhar ar.

Ele acenou afirmativamente.

– Da próxima vez que tocarmos num baile de máscaras tentarei arranjar-te um fato mais confortável – disse com um sorriso.

– Faz isso – concordou ela com fervor enquanto lhe voltava as costas. – Leva-me um pouco de língua fria e presunto da ceia, por favor, Teddy – pediu, voltando-se para trás ao mesmo tempo que se dirigia para a porta do salão de baile. – Isto é, se, quando saíres, conseguires convencer uma das criadas com as tuas falinhas mansas.

Grace saiu do salão de baile, deixando os músicos homens à sua prática habitual de namoriscarem as criadas que haviam servido a ceia, conseguindo uma refeição grátis de restos e roubar-lhes um beijo ou dois. Voltou as costas à enorme escadaria que levava à entrada do salão de baile e dirigiu-se ao outro extremo do corredor. Do mesmo modo que os criados, os músicos contratados usavam as escadas das traseiras. Desceu até ao rés-do-chão e escapuliu-se para a noite fresca e banhada pelo luar.

Grace passou pela fila de carruagens que atravancava a rua e acenou aos cocheiros que aguardavam a hora de levar os veículos para a frente quando terminassem as festividades da noite. Atravessou as cocheiras para chegar à rua de trás, onde esperaria por Teddy. Este vivia perto dela, em Bermondsey, e acompanhá-la-ia para que chegasse em segurança a casa.

Grace colocou o estojo do violino e a estante junto ao muro de tijolo que separava os estábulos da rua que ficava por trás e começou a retirar as peças sufocantes do seu traje. Retirou o chapéu, deixando o longo cabelo liso cair-lhe pelas costas, depois arrancou a máscara dos olhos e despiu o gibão, satisfeita por se ver só com os calções, as botas e a camisa de linho branco, que era tudo o que restava do traje.

Embora a primavera estivesse no princípio, o inverno parecia relutante em se afastar. Um leve vento gelado soprava pela rua, mas o ar frio refrescou-lhe o corpo coberto de suor depois da atmosfera sufocante do salão cheio de gente. Infelizmente, a brisa trazia consigo o cheiro desagradável da cidade de Londres. Até em Mayfair, e com frio, era impossível escapar à mistura de odores vindos do rio, do lixo podre e da fuligem do carvão que impregnavam o ar.

Fechou os olhos e encostou-se ao muro inalando com desagrado os cheiros que rodopiavam em seu redor, desejando poder voltar para o campo inglês da sua juventude – o ar sonolento do verão, o barulho do mar, o perfume das rosas, mas não era

possível. Não podia voltar atrás, as mulheres arruinadas não podiam voltar a casa.

Etienne prometera mostrar-lhe o mundo e fizera-o. Lembra-se de todos os locais belos e emocionantes a que o marido a levava durante o seu casamento. Paris, Salzburgo, Florença, Praga, Viena... todas as capitais europeias onde Etienne fora admirado pelos seus mecenas cujas posses mais estimadas eram os seus quadros.

Mas não mais teria verões no campo, rosas ou a sua casa. Os proventos de uma vendedora de laranjas, que tocava violino nas festas, mal pagavam a renda do pequeno quarto e aquilo que comia. Nunca chegariam para pagar uma casa.

– Um dia... – suspirou ela no ar da noite, dando voz ao seu desejo mais ansiado. – Um dia terei de novo uma casa minha no campo. De cor creme – acrescentou – com portadas azuis e um jardim de rosas.

– Posso sugerir também uns vasos nas janelas com cravos silvestres, gerânios e hera?

A pergunta trocista interrompeu-lhe o devaneio e Grace abriu os olhos para encontrar a forma inconfundível de Dylan Moore a uma dezena de passos.

– E talvez um castanheiro – acrescentou.

Estava junto ao muro do estábulo, já com o cabelo solto, a capa a pender-lhe dos fortes ombros como uma sombra e a gravata branca cintilando por entre as dobras negras como a noite.

– É seu hábito falar sozinha? – perguntou.

– Só quando não me apercebo de que há alguém à escuta. Moore não se desculpou.

– Pelo menos, volto a ver a minha mulher da limpeza. – Avançou um passo. – Tentei a todo o custo encontrá-la. Procurei-a por todo o lado. Voltei ao Palladium, mas deixara o seu emprego sem qualquer aviso e ninguém sabia para onde fora ou qualquer outra coisa a seu respeito. Observei todos os rostos

na multidão na esperança de encontrar o seu. Observei todas as mulheres que via a esfregar o chão. Estudei o rosto de todas as violinistas que cruzaram o meu caminho. Pedi até informações à associação dos músicos. Tudo em vão.

– Porque me procurou?

– Para lhe dizer que a detestava, evidentemente.

As palavras foram pronunciadas num tom alegre, mas Grace percebeu que eram sentidas.

– Detesta-me? Mas salvei-lhe a vida.

– Sim. E amaldiçoei-a por isso – avançou um pouco mais e esse movimento fê-lo sair da escuridão para a luz do candeieiro da rua que se encontrava atrás dela. – Por vezes, tentava convencer-me de que a tinha visto em sonhos – continuou. – Que se tratava da imaginação agitada pelos meus mais profundos desejos e que nunca voltaria a vê-la porque não existia. Porém, foi impossível aceitar essa ideia. Queria tanto que fosse real. Por muito que tentasse, não conseguia continuar a detestá-la, embora salvasse a minha vida quando eu não desejava ser salvo.

– Mas agora, que o tempo passou, não está satisfeito por estar vivo?

– Satisfeito? Valha-me Deus, não! – A veemência dele sobressaltou-a. Dylan baixou a cabeça, apertando entre as mãos a cabeça como se esta lhe doesse. – Valha-me Deus, não!

Havia uma angústia tão genuína na voz dele que Grace o olhou com uma compaixão que imediatamente afastou.

Artistas.

O marido absorvera de tal modo a sua compaixão que pouca lhe restara. Os artistas atormentados haviam perdido o encanto.

– Coitado – disse. – Riqueza, fama, conhecimentos, sucesso, beleza e talento. Como deve ser difícil.

Ele ergueu a cabeça, lançando o cabelo para trás como um garanhão inquieto, mas quando falou o tom descuidado voltara à sua voz.

– Mas claro que é difícil, minha senhora. A vida é extremamente cansativa.

– Não tenho dúvidas – disse em tom reprovador. – Da maneira como tem vivido...

– Tem dado atenção, não é verdade?

Dylan parecia satisfeito com a sua descoberta, o que provocou nela alguma raiva.

– O bastante para saber que o senhor tem vivido como se desejasse morrer. Troce se quiser, mas não vejo nisso nada de divertido. Se me enganei a seu respeito, se ainda deseja morrer, então porque está aqui a falar comigo? – Sentia-se cansada de tudo aquilo, cansada de discutir com homens de temperamento artístico. Havia muito que escapara dessa prisão. – Seria simples matar-se. Porque não o fez?

– Por sua causa – disse ele com tal paixão que Grace se sobressaltou. Com alguns passos largos estava a menos de um metro dela. – Não percebe? Foi por *sua* causa.

Ergueu os braços para a agarrar.

Grace endireitou-se sentindo uma súbita pontada de medo. Encostou-se ao muro de tijolo atrás de si e ergueu o queixo para o olhar diretamente nos olhos. Banhava-os a luz do candeeiro do outro lado do muro e, nesse halo dourado, os olhos dele pareciam opacos, como o céu de uma noite sem estrelas.

– Não pode pôr nos meus ombros a responsabilidade da sua vida ou da sua morte.

– Não posso? – Inclinou-se mais e o seu hálito morno acariciou a face dela na noite fresca. – O seu rosto... a sua voz, os seus olhos... meu Deus, os seus olhos. A música que a rodeia. Tudo isto me assombrou nestes cinco anos. A esperança de a voltar a ver, de ouvir a música que vem de si... essa esperança fez com que eu conseguisse viver os meus dias, um após outro.

– Eu? – Grace abanou a cabeça admirada. – Eu, porquê? Que música?

Ele afastou-se um pouco e não respondeu. Os sons das carruagens que passavam perto, na rua ruidosa, ecoavam ali onde se encontravam a olhar silenciosamente um para o outro. Grace aguardou, sem se atrever a mexer-se, sem saber o que aconteceria se o fizesse. O vento da primavera soprava suavemente, puxando-lhe para o rosto uma madeixa loira do longo cabelo.

Foi isso que chamou a atenção de Dylan. Ergueu a mão para afastar a madeixa, antes que ela o pudesse fazer e alguma coisa mudou nele. Descontraíu o corpo e a sua expressão suavizou-se numa ternura que ela nunca antes lhe vira no rosto.

– É tão bela como me lembrava – murmurou, passando-lhe suavemente os dedos pelo rosto. – Tão bela.

Grace sobressaltou-se com aquelas palavras e sentiu uma centelha completamente inesperada de algo que, havia muito, matara dentro de si. O desejo físico. Revivera-o imediatamente quando evocado pela carícia da mão de Moore na sua face.

Grace respirou fundo, tentando em vão afastar aquele sentimento. Parecia que a morna luz do Sol lhe atravessava o corpo depois da fria escuridão do inverno. Esquecera-se... esquecera-se completamente do que era o toque de um homem. Quando os dedos dele lhe afloraram ao rosto e ele lhe passou a madeixa para trás da orelha, quase se voltou para lhe beijar a mão. Quase.

– Que quer de mim? – perguntou, tentando manter a racionalidade dos seus pensamentos, mas o calor do corpo dele ali tão perto e o forte impacto dos seus próprios sentimentos impediam-na de pensar como devia ser. – Está a tentar seduzir-me?

– Seduzi-la? – repetiu ele pensativo, passando-lhe a ponta do dedo pela curva da orelha. – Não imagino nada de mais agradável. A menina embriaga-me.

– O senhor é um homem ardente, não é verdade? – Grace desviou o olhar, mas ele fez deslizar a mão sobre o cabelo dela obrigando-a a manter o olhar sobre o seu rosto. Ela fitou-lhe os olhos escuros e apaixonados e a boca sensual. Era ridículo,

bem o sabia, que um homem praticamente estranho a pudesse fazer sentir daquele modo, suave e morna como o caramelo ao sol. As carícias dele derretiam-na. Poderia passar-lhe por baixo do braço e fugir, contudo continuou imóvel.

– Isto é absurdo – disse em tom enfadado, mas a voz saiu-lhe baixa e rouca, a voz de uma mulher que estava a ser seduzida e a desfrutar. – O senhor nem sequer me conhece.

– Sinto-me como se a conhecesse – afirmou acariciando-lhe as têmporas com o polegar. – Oiço música quando olho para si.

Grace soltou uma pequena risada ao ouvir aquela frase feita. Certamente que aquele homem sabia o que estava a fazer.

– Claro que ouve.

As suas palavras trocistas pareceram incendiar qualquer coisa dentro dele. Avançou de novo, inclinando a cabeça e chegando-se a ela, encostando-a ao muro com o peso do seu corpo.

A pulsação de Grace aumentou e sentiu-se tremer interiormente com aquele movimento agressivo. Não por medo, apercebeu-se, para seu grande desgosto, mas por antecipação. Não admirava que Dylan tivesse levado tantas mulheres para a cama. Tinha um verdadeiro talento para as conduzir até lá.

Ele inclinou a cabeça e antes que ela pudesse fazer o que quer que fosse abria os lábios para receber o beijo dele. Era um beijo exuberante que lhe enviou pelo corpo centelhas de prazer, um prazer tão assombroso que a fez gritar junto à boca dele.

Ele acariciou-lhe a língua com a sua, aprofundando o beijo. Como se o corpo dela tivesse vontade própria, Grace agarrou-lhe as pontas da capa, ergueu-se nas pontas dos pés e correspondeu ao beijo com a despidorada avidez de uma prostituta. Há quanto tempo não se sentia assim. Há quanto tempo não sentia desejo do beijo de um homem, do seu toque, do seu corpo. Sentia-se tão viva nesse momento que lhe soltou a capa e lhe rodeou o pescoço com os braços encostando-se mais à dura parede do corpo dele.